

A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA EM REVISTAS DA TURMA DA MÔNICA: UMA ANÁLISE EM TEMPO REAL DE CURTA DURAÇÃO

THE EXPRESSION OF FIRST PERSON PRONOMINAL SUBJECT IN MAGAZINES OF TURMA DA MÔNICA: A SHORT-TERM REAL-TIME ANALYSIS

Carolina Amorim Zanellato¹

RESUMO: No presente estudo, buscamos observar, por meio de uma análise em tempo real de curta duração, a variação da expressão do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular e do plural em revistas da Turma da Mônica em três sincronias distintas: década de 1970, década de 1990 e década de 2010. No português brasileiro, essa variável pode aparecer de duas formas: preenchida (“Como **eu** gostaria que a humanidade perdesse o olfato”) e nula (“ \emptyset Vamos voltar pro céu!”). Utilizamos como base teórica a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e os trabalhos de Duarte (2018 [1993]) e Silva (2004), que apresentam constatações distintas para o fenômeno. Os resultados desta pesquisa mostram uma estagnação na mudança do sujeito pronominal em direção ao preenchimento, que se mantém acima de 50% nas três sincronias: 66,5% em 1970; 52,8% em 1990 e 54,2% em 2010, o que prova que o PB ainda possui parâmetro *pro-drop* parcial.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito pronominal; Parâmetro *pro-drop*; Tempo real.

ABSTRACT: In the present study, it was observed, through a short-term real-time analysis, the variation of the first-person pronominal subject's expression singular and plural in Turma da Mônica magazines in three different synchrony: 1970s, 1990s and 2010s. In Brazilian Portuguese (PB), this variable can appear in two forms: filled (“Como **eu** gostaria que a humanidade perdesse o olfato”) and null (“ \emptyset Vamos voltar pro céu!”). As theoretical basis, Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and the works of Duarte (2018 [1993]) and Silva (2004) were used, which present different findings for the phenomenon. The results of this research show a stagnation in the change of the pronominal subject, which remains above 50% in the three synchronies: 66.5% in 1970; 52.8% in 1990 and 54.2% in 2010, which proves that the PB still has a partial *pro-drop* parameter.

KEYWORDS: Pronominal subject; Parameter *pro-drop*; Real time.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL –UFES). Mestre em Estudos Linguísticos pela UFES. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). E-mail: carolinaaz_8@hotmail.com.

Palavras iniciais

O parâmetro do sujeito nulo, ou parâmetro *pro-drop*, estabelecido por Chomsky (1981), apresenta a tese de que há línguas que possibilitam o aparecimento do sujeito nulo pelo fato de terem paradigmas flexionais ricos, com desinência para cada pessoa do discurso. O português brasileiro (doravante PB) estaria parcialmente dentro dessa categoria, já que possui um quadro flexional formalmente rico (cf. ROBERTS, 1993). No entanto, o trabalho de Duarte (2018 [1993]) demonstra que há uma mudança em andamento, o que fornece indícios de que o PB deixaria de ser uma língua que licencia o sujeito nulo.

Tendo como base teórica e metodológica a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), este artigo se vale do trabalho da pesquisa de Duarte para analisar se seu argumento também é válido nas histórias em quadrinhos, já que, como indica Silva (2004), os pronomes nulos de primeira pessoa ainda são maioria nesse gênero textual. Portanto, o que se pretende responder é se a mudança de um padrão nulo para um padrão expresso é realmente vista em todos os gêneros ou se há outras questões por trás dessa alternância. Nossa hipótese é de que, como Silva (2004), também encontremos altos índices de sujeito nulo na primeira pessoa tanto no singular quanto no plural, independentemente da sincronia analisada.

Dados estes pareceres, o presente trabalho ficou assim dividido: a primeira seção traz algumas noções sobre o parâmetro *pro-drop* e como novas formas adentraram no quadro pronominal do português brasileiro. Na segunda seção, falaremos um pouco sobre a Sociolinguística Variacionista, área da Linguística que usamos como base teórica para esta pesquisa. Na terceira seção, contrapomos os resultados de Duarte (2018 [1993]) e Silva (2004) a fim de contextualizar nosso fenômeno e mostrar como esse se apresenta em pesquisas distintas com a metodologia em tempo real. Na quarta seção, faremos breves apontamentos sobre o gênero história em quadrinhos. Após isso, na quinta seção, delimitaremos o *corpus* que será usado nesta investigação, bem como as variáveis analisadas. Na sexta seção, traremos os nossos resultados e os discutiremos; e, por fim, na sétima e última seção, delinearemos nossas considerações finais, seguidas das referências que utilizamos neste trabalho.

O parâmetro *pro-drop*

Chomsky (1981) trouxe a noção de parâmetro *pro-drop*, em que, a partir da Gramática Universal, algumas línguas – como o italiano, o espanhol e o português europeu – possuiriam um sistema flexional rico, que possibilitava o aparecimento de um sujeito nulo, por conta de

uma desinência verbal específica para cada pessoa do discurso. O português brasileiro se localizaria, entretanto, como uma língua de parâmetro *pro-drop* parcial (cf. AVELAR, 2018), em que sujeitos nulos são aceitos, mas com alguma restrição.

Para Duarte (1993 [2018]), a inserção de novos pronomes no quadro pronominal do PB faz com que essa mudança de parâmetro *pro-drop* ocorra.

Os paradigmas flexionais do português que aparecem nas peças de teatro aqui analisadas evoluem de um paradigma “formalmente” rico, que certamente reflete o português europeu, o modelo ainda adotado no ensino da escrita, para um paradigma “funcionalmente” rico e, finalmente, ultrapassa os limites apontados por Roberts², tornando-se um paradigma pobre, incapaz de licenciar e identificar o sujeito nulo. (DUARTE, 2018 [1993], p. 85).

Como ocorreu, no entanto, a entrada dessas novas forma no PB? Podemos observar que, no quadro pronominal da norma padrão, os pronomes *tu* e *vós* (com suas concordâncias), de segunda pessoa, continuam em voga – sendo, ainda, ensinados na escola como a forma correta.

No entanto, o *vós* já caiu em desuso no português brasileiro, tanto na modalidade escrita, quanto na falada. O *tu* é usado em certas regiões, como nos estados das regiões Norte e Sul do país, embora, na maioria dos casos, com baixa ou sem concordância de segunda pessoa (cf. SCHERRE *et al.*, 2015). Além disso, como retrata Menon (2000, p. 159-160), ser uma “forma cristalizada, ligada intimamente ao estilo empregado em poesia. [...] O uso de *tu*, em poesia, produziria imediatamente “efeito lírico”. Ambos foram amplamente substituídos pelo uso da forma *você* e *vocês*, advindos do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, usado primordialmente pelos portugueses no século XV (cf. RUMEU, 2008; GONÇALVES, 2010).

Além dos novos pronomes de segunda pessoa, a primeira pessoa do plural, *nós*, entra em um embate com a forma *a gente*, forma nominal gramaticalizada como pronominal no português brasileiro (cf. OMENA, 2003; LOPES, 2007). Considerada como padrão emergente por Scherre, Naro e Yacovenco (2018), a desinência verbal para essa variante, assim como também para o *você*, é a concordância no singular, aceita, anteriormente, somente para a terceira pessoa do singular (ele/ela). Portanto, frases como “*Tu leva/Ela leva/Você leva/A gente leva*”, e, por vezes, as formas “*Nós leva/Eles leva*”, são acatadas tanto na fala, como na escrita dos falantes do PB.

² Roberts (1993 apud Duarte (2018 [1993]) afirma que não somente as línguas de parâmetro *pro-drop*, como o italiano, permitiriam o sujeito nulo. Para o autor, quando há um paradigma com desinência zero e um sincretismo – como os pronomes de tratamento –, além de todas as outras pessoas serem diferentes, pode igualmente permitir e identificar um sujeito nulo.

Duarte (2018 [1993]) propõe um quadro que mostra a mudança no sistema flexional do português brasileiro em peças de teatro escritas entre 1845 e 1992, período que a autora analisou:

Quadro 1: Evolução nos paradigmas flexionais do português do Brasil

	PRONOMES NOMINATIVOS	PARADIGMA 1 SÉCULO XIX	PARADIGMA 2 SÉCULO XX/1	PARADIGMA 3 SÉCULO XX/2
1PS	eu	<i>canto</i>	<i>canto</i>	<i>canto</i>
1PP	nós <i>a gente</i>	<i>cantamos</i> -	<i>cantamos</i> <i>canta</i> ∅	<i>cantamos</i> <i>canta</i> ∅
2PS	tu <i>ocê</i>	<i>cantas</i> -	<i>cantas</i> <i>canta</i> ∅	<i>canta(s)</i> <i>canta</i> ∅
2PP	vós vocês	<i>cantais</i> <i>cantam</i>	- <i>cantam</i>	- <i>cantam</i>
3PS	ele, ela	<i>canta</i> ∅	<i>canta</i> ∅	<i>canta</i> ∅
3PP	eles, elas	<i>cantam</i>	<i>cantam</i>	<i>canta(m)</i>

Fonte: Duarte (2018 [1993], p. 85)

A partir do Quadro 1, podemos perceber que o sistema flexional brasileiro deixou de possuir 6 formas distintivas (Paradigma 1) e passou a possuir 4 (e, às vezes, 5) formas distintivas para os verbos (Paradigma 3). Torna-se visível, também, a inserção das formas *ocê* e *a gente* a partir da primeira metade do século XX (Paradigma 2) e o uso de *vós*, que só ocorre no século XIX (Paradigma 1).

Feitas essas considerações sobre o parâmetro pro-drop e o sistema pronominal do português brasileiro, passemos para a seção seguinte, em que trataremos aspectos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, área em que se baseia o trabalho em tela.

Um pouco sobre a Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) é uma área da Linguística que vai de encontro ao que pregavam as teorias formalistas, como o Estruturalismo e o Gerativismo, que conceituavam um sistema linguístico homogêneo, apresentando suas teses pautadas na imanência, ou seja, afastando “tudo que seja estranho ao organismo, ao seu sistema” (SAUSSURE, 2021 [1916], p. 66). Os sociolinguistas, por outro lado, concentram suas análises “na língua em uso, dentro da

comunidade de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 215) e, sendo assim, como um sistema passível de variações e mudanças.

Por poder ser sistematizada, “a mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 125). Dessa forma, há, segundo os sociolinguistas, uma heterogeneidade ordenada: fatores linguísticos (sintáticos, morfológicos, fonológicos ou semânticos) e extralinguísticos (sexo/gênero, faixa etária, classe social e escolaridade do falante) que explicitam quais contextos favorecem ou desfavorecem o uso de determinada variante.

Em suma, a língua, para os pesquisadores da área, é vista como “um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 99).

Com a evolução dos estudos dentro da área, os *corpora* de escrita também ganharam relevância nas discussões. Eles são bons materiais para se verificar, diacronicamente, a partir da metodologia em tempo real, a variação e a mudança linguística, já que diversos textos antigos refletem o vernáculo de um determinado período no tempo.

As análises linguísticas em tempo real são estudos que analisam um *corpus* de fala ou escrita em diferentes momentos do tempo. Diferenciando-se das análises em tempo aparente, que focam em analisar as variações e mudanças de uma determinada sincronia, com falantes de diversas faixas etárias dentro de uma mesma comunidade de fala – a mudança pode ser percebida quando há o uso mais frequente da variante inovadora na fala de pessoas mais jovens, quando comparada à de pessoas mais velhas –, as de tempo real conseguem mostrar como as transformações na língua ocorrem em duas ou mais sincronias diferentes³.

É a partir da análise em tempo real que verificaremos, neste trabalho, a variação na expressão do sujeito pronominal de primeira pessoa. Antes, no entanto, analisaremos algumas pesquisas que já se debruçaram sobre o sistema pronominal brasileiro.

³ Os estudos em tempo real podem ser divididos entre *estudos de painel* (*panel studies*) e *estudos de tendência* (*trend studies*). No primeiro, há o recontato com os mesmos falantes em momentos diferentes do tempo, o que “permite captar mudanças ou estabilidade no comportamento linguístico do indivíduo e pode fornecer os elementos necessários para distinguir entre mudança geracional e mudança na comunidade” (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 17). Já estudos de tendência “comparam amostras aleatórias da mesma comunidade, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo” (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 17). No entanto, como explicita Zanellato (2021), em estudos que adotam a tempo real com um *corpus* de histórias em quadrinhos, essas definições não cabem, visto que se trata de um gênero textual escrito por um grupo de redatores que possuem certa rotatividade, e não sempre pelas mesmas pessoas.

O que dizem as pesquisas sobre expressão de sujeito pronominal

Vários foram os trabalhos que procuraram entender como se dá o uso de pronomes no português brasileiro. Neste momento, procuraremos nos dedicar somente aos que o fizeram usando a modalidade escrita e a metodologia em tempo real para que se aproxime mais de nossos propósitos.

O já supracitado trabalho de Duarte (2018 [1993]), conforme dito anteriormente, foi feito a partir de textos de peças teatrais escritos entre os anos de 1845 e 1992. Nele, a autora constatou que o uso de sujeitos nulos cai de 80% para 26% entre as três pessoas do discurso.

Na primeira pessoa, tanto do singular, quanto do plural, podemos até notar um aumento de 14 pontos percentuais entre os anos de 1845 e 1918 – passou de 69% de sujeito nulo para 83%. No entanto, no ano sucessivamente estudado, de 1937, esse número passa para 61% e decai até chegar na marca de 18%, já em 1992. A autora destaca que, se verificada a incidência de sujeito nulo na primeira pessoa do plural (*nós*), a mudança é ainda maior: passa de um índice de 100% de sujeito nulo nos três primeiros períodos para 7% em 1975 (um dado em 15 anos), até não acontecer nenhuma ocorrência de pronome nulo na peça de 1992 – nesta última, todos os 10 casos encontrados foram de pronomes expressos, sendo que, desses 10, somente 3 eram de *nós* – nas outras 7 ocorrências foi usado o pronome *a gente*.

Na segunda pessoa, há uma grande queda entre os anos de 1918 e 1937: passam de 69% para 25% as ocorrências de sujeito nulo, atingindo 22% das ocorrências na última sincronia pesquisada, em 1992. Esse valor coincide com outro fator: a inserção da forma *você*, que, nesse momento, já estava pronominalizada no português brasileiro.

Na terceira pessoa, a curva de mudança não foi tão significativa: sai de 83% em 1845, chegando a 72% em 1937 e, daí, tendo um declínio mais brusco, até atingir 55% em 1992. A preferência pelo sujeito nulo se dá, segundo a autora, por conta do traço [+humano] presente nos referentes, além da correferência entre os sujeitos de uma principal e uma subordinada.

Por sua vez, o artigo de Silva (2004), que pesquisa o sistema pronominal de primeira e segunda pessoas em revistas de histórias em quadrinhos – mesmo gênero utilizado no presente trabalho – do Pato Donald, publicadas a partir de 1950 até o ano de 2003, não corrobora com os resultados de Duarte, que aponta para o fim do parâmetro *pro-drop* no português do Brasil. Em seus dados de primeira pessoa do singular (*eu*), a autora encontra peso relativo de 0.57 para o sujeito ausente, o que demonstra um favorecimento. Já com o plural *nós*, esse número é ainda maior: peso relativo de 0.82, o que mostra que essa variante é vista mais vezes pela desinência

verbal *–mos*. Ademais, a autora traz o dado de que o *a gente* apareceria todas as vezes preenchido, o que, em nossos resultados, retomaremos para fazer uma contestação.

Nos dados de segunda pessoa, a autora relata que as ocorrências do pronome *tu* estão restritas às três primeiras revistas publicadas em 1950 – ou seja, na edição de número 4, ainda em 1950, o pronome de segunda pessoa passa a ser exclusivamente o *você*. A esse fator, e ao fato de *você* não possuir desinência verbal própria, a autora atribui o alto índice de preenchimento: 0.87 de peso relativo. O mesmo fato ocorre com a forma *vocês*: 0.82 de peso relativo no preenchimento, taxa que a autora atribui ao fato de a flexão verbal não ser exclusividade da segunda pessoa do plural.

Portanto, é fácil ver que, segundo os dados da autora, a inserção dos pronomes *você/vocês* trouxe uma mudança no que concerne à anulação do sujeito pronominal em relação à segunda pessoa. Por outro lado, o *a gente* como forma pronominal não mudou o parâmetro *pro-drop* no que se refere à primeira pessoa – mesmo que, como já dito anteriormente, o *a gente*, no *corpus* de Silva (2014), sempre apareça preenchido.

Frente a essas duas pesquisas que trazem resultados tão distintos para a primeira pessoa – tanto do plural quanto do singular –, é que nos propomos a investigar como o fenômeno ocorre em quadrinhos, gênero textual sobre o qual teceremos alguns apontamentos na próxima seção.

Um breve parecer sobre o gênero história em quadrinhos

O motivo de o gênero história em quadrinhos (doravante HQ) ter sido escolhido como *corpus* deste trabalho foi devido à sua facilidade em ser utilizado em análises de tempo real. As publicações, principalmente as da Turma da Mônica, ultrapassam gerações e podem ser recuperadas em sebos e livrarias. Isso possibilita que sua linguagem seja analisada, tornando-se um bom material para os estudos linguísticos.

HQ é um gênero que tem como característica a narração de fatos, procurando reproduzir uma conversação natural (cf. LINS, 2009; ASSIS, 2011). Contudo, passa pelo crivo da escrita e da revisão. Por isso, Mendonça (2007 [2002], p. 196) entende que a base desse gênero textual seria a escrita “pois os chamados “guiões” – narrativas verbais que orientam o trabalho do desenhista – precedem a quadrinização”.

Dessa forma, compreendemos que o gênero HQ, num *continuum* entre fala e escrita (cf. MARCUSCHI, 2001), situa-se mais na escrita – ao contrário do gênero de Duarte (2018

[1993]), as peças teatrais, que mesmo dentro da modalidade escrita, são *scripts* para a atuação oral⁴.

Segundo Ramos (2017, p. 50), a linguagem dos quadrinhos nos anos 70 – data da primeira publicação em revista da Mônica –, e em décadas anteriores e posteriores, era ainda mais engessada, pois “havia [...] um senso de que a escrita direcionada à criança deveria retratar a chamada ‘boa língua’”.

Com essa breve observação sobre o gênero textual história em quadrinhos, passamos para a caracterização do nosso *corpus* e para a descrição dos processos metodológicos.

Delimitação do *corpus* e metodologia

Para a presente pesquisa, o *corpus* utilizado advém de revistas da Turma da Mônica, criação de 1970 do cartunista brasileiro Maurício de Sousa, que possui publicações e um público-leitor muito grande – na maior parte, formado por crianças – até hoje. Para que realizássemos uma apuração em tempo real de curta duração, três sincronias foram estabelecidas: a década de 1970, a década de 1990 e a década de 2010. Dessa forma, teríamos 20 anos de diferença entre cada uma das sincronias pesquisadas.

Preferimos, para esse fim, utilizar revistas dos anos iniciais de cada década. Para que o número de ocorrências fosse um pouco mais homogêneo, utilizamos, aproximadamente, 120 páginas de revistas de cada década.

O quadro abaixo traz o número de ocorrências de sujeitos de primeira pessoa – tanto expressas quanto nulas – encontradas por revistas e por décadas:

Quadro 2: Procedência e total de dados analisados

ANO	REVISTA	DADOS	DADOS POR DÉCADA
1970	As primeiras histórias da Mônica ⁵	248	248
1992	Mônica nº 67	108	216
1993	Mônica nº 75	108	
2010	Mônica nº 40 ⁶	93	212
2010	Cebolinha nº 41	119	

⁴ Em seu texto, a autora traz um capítulo em que observa a passagem do texto escrito para a língua falada, com a hipótese de que o índice de aparecimento do sujeito nulo seria ainda menor, o que se confirma: queda de 10% na primeira pessoa – de 18% para somente 8%, o que explica a proximidade do gênero com a modalidade de fala.

⁵ O *corpus* dos anos 70 foi retirado de uma edição especial de 2002, editada pela Editora Globo, que trazia as primeiras histórias da Turma da Mônica, publicadas entre maio de 1970 e fevereiro de 1971.

⁶ A mudança de numeração se deu pela mudança de editora das revistas: na década de 1990, elas eram publicadas pela Editora Globo; já na década de 2010, passaram a ser publicadas pela Editora Panini Comics.

Total de ocorrências	676
-----------------------------	-----

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o *corpus* estabelecido, delimitamos as variáveis para análise. Além de nossa variável dependente – a expressão do sujeito pronominal de primeira pessoa –, verificamos: a) o pronome utilizado (*eu, nós* ou *a gente*); b) o tempo e o modo verbal; c) a presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo; e, como única variável extralinguística, d) a década de publicação.

O tratamento estatístico foi feito a partir do programa *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Esse programa, versão do pacote Varbrul para o ambiente Windows, “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

A partir de cálculos, o *GoldVarb X* gera os pesos relativos, uma análise multivariada, em contraposição aos percentuais, que são cálculos univariados.

Os pesos calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e resultam de uma análise multivariada. O efeito, assim calculado, pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo. (GUY; ZILLES, 2007, p. 211)

Essas grandezas auxiliam a entender, portanto, quais variáveis independentes favorecem ou desfavorecem cada uma das variantes da variável dependente – no trabalho em tela, a expressão do sujeito pronominal de primeira pessoa.

Dessa forma, delineado nosso *corpus* e os procedimentos metodológicos, partiremos para os resultados e a discussão.

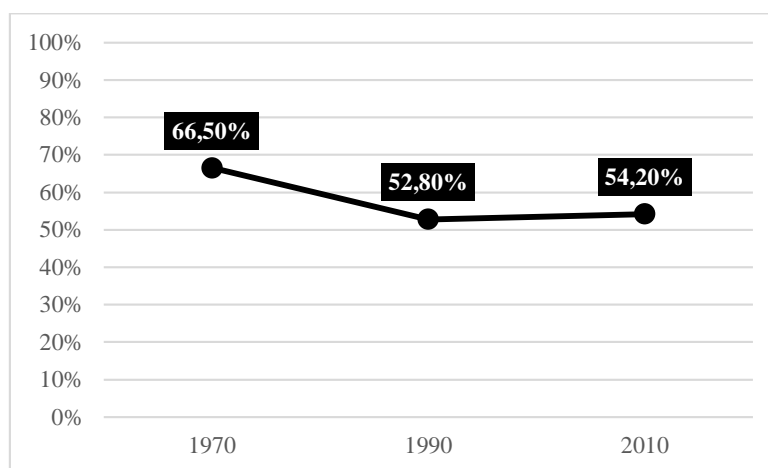
Resultados

Conforme apresentado no Quadro 2, ao todo, foram encontrados 676 (seiscentas e setenta e seis) ocorrências de pronomes de primeira pessoa – expressas ou nulas – no *corpus* analisado. Na rodada estatística realizada, todas as quatro variáveis independentes foram selecionadas e buscaremos tratar de todas, especificamente. É importante ressaltar que não houve *knockouts*, ou seja, encontramos casos das duas variantes em todos os fatores das variáveis independentes analisadas.

Como nossa pesquisa visa analisar como aparece o pronome – se nulo ou expresso – de primeira pessoa em tempo real, iniciaremos com os resultados por década – mesmo que esse

fator tenha sido o segundo menos relevante para o aparecimento ou anulação do pronome. O Gráfico 1 mostra a rodada geral.

Gráfico 1: Sujeito nulo de primeira pessoa no *corpus* revista da Turma da Mônica



Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo com a curva descendente a partir da década de 1970, no *corpus* pesquisado há uma clara preferência percentual pelo pronome nulo. No entanto, na Tabela 1, ao verificarmos os pesos relativos, podemos perceber que é somente nos anos 1970 que o sujeito nulo é favorecido, visto que, em 1990 e 2010, ele exibe efeito desfavorecedor, mesmo que próximo ao ponto neutro.

Tabela 1: Atuação da década de publicação da revista sobre o pronome nulo

DÉCADA DE PUBLICAÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA DE USO	PESO RELATIVO
1970	165	66,5%	0.60
1990	114	52,8%	0.40
2010	115	54,2%	0.47
TOTAL	394	58,3%	

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados se assemelham aos de Silva (2004): em 1972, a autora encontrou o peso relativo de 0.52 para o favorecimento do pronome nulo; esse efeito se tornou intermediário em 1993, com 0.50 de peso relativo; e caiu um pouco na última sincronia analisada, o ano de 2003,

com 0.42 de peso relativo, ou seja, efeito que aponta para o desfavorecimento do não-preenchimento do sujeito.

Isso acontece, em nosso trabalho por conta do resultado de outra variável, a do tipo de pronome. Por terem comportamentos distintos, mas serem codificados juntas, esses pronomes dão resultados que podem parecer inconclusivos, mas em que conseguimos visualizar como ocorre a variação.

Por isso, ao analisarmos essa variável, a relação por pronome (*eu*, *nós* e *a gente*), podemos constatar, na Tabela 2, que com o pronome no singular, *eu*, ocorre a mesma situação: mesmo com percentuais maiores, os pesos relativos mostram um desfavorecimento do sujeito nulo.

Tabela 2: Atuação do tipo de pronome sobre o sujeito nulo

PRONOME DE PRIMEIRA PESSOA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA DE USO	PESO RELATIVO
Eu	297	53,7%	0.43
Nós	96	85,7%	0.81
A gente	1	9,1%	0.06
	394	58,3%	

Fonte: Elaborado pela autora.

Além desse fator, podemos verificar outros dois importantes dados: o grande (não) aparecimento de *nós*, com sujeito nulo (1) – um feito que pode ser explicado por conta de sua desinência verbal preservada –, além do *a gente* nulo, que só ocorreu uma vez, na revista da Mônica nº 40, datada de 2010, e que pôde ser apreendido a partir da análise do contexto (2).

- (1) a. Zé Luís: – Tudo se resume em \emptyset minarmos a confiança da Mônica. (As primeiras histórias da Mônica - 1970)
 b. Anjinho: – É melhor \emptyset voltarmos pro céu! (Mônica nº 67 – 1992)
 c. Cascão: – Algo me diz que \emptyset não devíamos ter cutucado a onça! (Mônica nº 40 – 2010)
- (2) (Piteco – o homem das cavernas da criação de Maurício de Sousa – está conversando com um amigo)

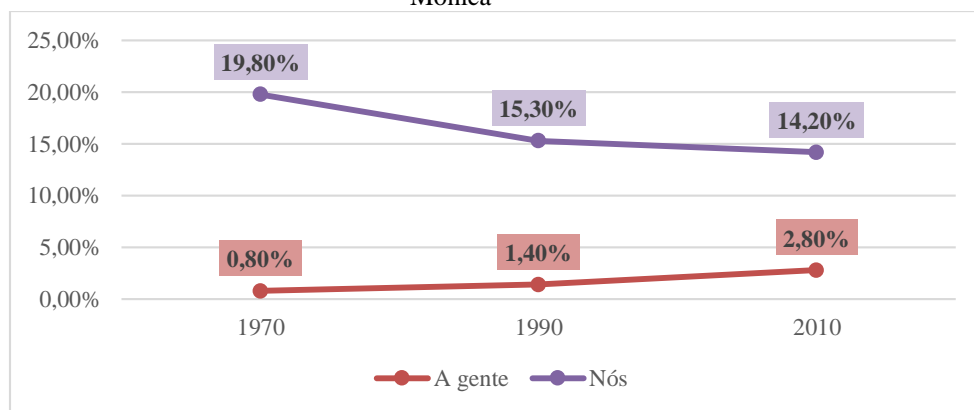
Piteco: – Atenção! O bicho está distraído! Quando eu der o sinal a gente... (o bicho aparece) corre!! (corre para a direção contrária)

Amigo do Piteco: – Ué! Não era pra \emptyset correr pra lá? (Mônica nº 40 – 2010)

A presença do pronome *a gente* também foi testada. Como dito anteriormente, essa forma, antes vista como coletivo de *pessoas*, se gramaticalizou como pronome na língua, sendo amplamente usada pelas gerações mais novas (cf. OMENA, 2003). A variante, assim, já está em livre concorrência com a forma *nós*.

Em nossa pesquisa, os resultados encontrados estão dispostos no Gráfico 2.

Gráfico 2: O aparecimento dos pronomes *nós* e *a gente* no corpus revistas em quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: Elaborado pela autora.

Como já mencionamos anteriormente, a história em quadrinhos, por ser um gênero voltado para crianças, tinha o intuito de ensinar a norma padrão da língua. Esse fato pode explicar o grande aparecimento da forma pronominal *nós*, principalmente na década de 1970 em relação ao pronome *a gente* – há somente duas ocorrências dessa variante nesse período. No entanto, em uma análise em tempo real, podemos perceber uma curva decrescente do pronome *nós* e um aumento – mesmo que pouco significativo, de apenas 2% – da forma pronominalizada *a gente*.

Silva (2020), em um estudo sobre a variação da primeira pessoa do plural em revistas do Chico Bento, personagem que também faz parte da Turma da Mônica, mas participa de um núcleo rural, também observa que a presença do *nós* é mais alta que a do *a gente* – 77,7% da primeira forma e 22,3% da forma gramaticalizada. No entanto, numa análise em tempo real, a autora também encontra uma queda do *nós* e um aumento do *a gente*, principalmente entre os

anos 1990 e anos 2000: a forma considerada inovadora vai de 19,4% para 27,8%, enquanto o pronome nós, nesse mesmo período, decai de 80,6% para 72,2%.

As outras duas variáveis analisadas nesta pesquisa foram a presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo e o tempo e modo verbal. Na primeira, codificamos as variantes da seguinte forma:

(3) a. Há presença de elemento simples antes do sujeito

Cebolinha: – *Selá que* \emptyset aceltei a peteca na minha plóplia cabeça? (Cebolinha nº 41 – 2010)

b. Há presença de oração antes do sujeito (é o sujeito de oração subordinada/coordenada)

Bidu: – *E pensar que* eu fazia tudo que ele mandava! (Mônica nº 67 – 1992)

c. Há presença de elementos entre sujeito e verbo

Manfredo: – \emptyset *Ainda* temos outros convidados! (Mônica nº 75 – 1993)

d. Não há presença de elementos entre o sujeito e verbo e antes do sujeito

Mônica: – \emptyset Pensei que só estivesse falando! (As primeiras histórias da Mônica - 1970)

Quando havia mais de duas destas categorias em uma ocorrência, decidimos por uma ordem de prioridade: presença de oração antes do sujeito (sujeito de oração subordinada/coordenada) > presença de elementos entre sujeito e verbo > presença de elemento simples antes do sujeito.

O resultado está presente na Tabela 3 (as letras correspondem às variantes, da forma que foram anteriormente exemplificadas).

Tabela 3: Comportamento do sujeito pronominal quando há elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo

PRONOME	a		b		c		d	
	F.	P.R.	F.	P.R.	%	F.	%	F.
Nulo	47,8%	0.36	51,5%	0.42	53,3%	0.43	65,7%	0.60
Pleno	52,2%	0.64	48,5%	0.58	46,7%	0.57	34,3%	0.40

Fonte: Elaborado pela autora.

Levando em conta os percentuais, podemos ver maior ocorrência do pronome nulo em três situações: como sujeito de uma oração coordenada/subordinada (51,5%); quando há presença de um elemento entre o sujeito e o verbo (53,3%); e quando não há presença nem de um elemento antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo (65,7%). No entanto, quando pegamos os pesos relativos, vemos que o pronome nulo só é favorecido quando é sujeito de uma oração principal (.60), sem nenhum elemento entre ele e o verbo – assim como em (3d).

Isso nos leva a concluir que, nos outros três ambientes, há o favorecimento do pronome pleno, mesmo que esse apareça em menor quantidade – exceto quando há presença de elemento simples antes do sujeito, pois a porcentagem, nesse caso, também é maior.

Por último, quanto à atuação do tempo e modo verbal sobre o pronome nulo, podemos verificar que o pronome nulo é favorecido quando o verbo que o sucede é presente ou futuro – seja no modo subjuntivo, seja no indicativo –, ou que está na forma de imperativo, como observamos em (4).

(4) a. Presente (subjuntivo ou indicativo)

Xaveco: – Com um simples plano, \emptyset eliminamos o poder da Mônica! (As primeiras histórias da Mônica – 1970)

b. Futuro (subjuntivo ou indicativo)

Apresentador: – Dentro de duas horas \emptyset estaremos todos aqui! (As primeiras histórias da Mônica – 1970)

c. Imperativo

Mônica: – É isso que dá \emptyset não ficar de olho! (Mônica nº 40 – 2010)

Na Tabela 4, podemos ver como se porta cada uma das variantes em cada tempo e modo verbal.

Quadro 6: Atuação do tempo e modo verbal sobre o nulo vs o pleno

TEMPO VERBAL	% DE NULO	PESO RELATIVO
Presente (subjuntivo ou indicativo)	62,4	0.54
Pretérito perfeito	49,7	0.41
Pretérito imperfeito (subjuntivo ou indicativo)	38,5	0.27
Futuro (subjuntivo ou indicativo)	65,7	0.57

Futuro do pretérito	31,2	0.21
Imperativo	57,1	0.66

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante mencionar que não houve, em nosso *corpus*, nenhum caso de gerúndio – somente de locuções com gerúndios, como em (5):

(5) Cascão: – ø Não estou enxergando nada! (As primeiras histórias da Mônica – 1970)

Feitos todos nossos apontamentos, partimos para as considerações finais.

Considerações finais

No clássico *Fundamentos Empíricos para uma Mudança Linguística* (2006 [1968], p. 35), Weinreich, Labov e Herzog relatam que, antes de falarmos em mudança linguística, devemos ter em mente que a língua – tanto sincronicamente quanto diacronicamente – é “um objeto constituído de heterogeneidade ordenada”.

Isso quer dizer que, devido a fatores, tanto internos quanto externos, a língua tende a variar suas formas a todo momento. Não seria diferente quanto à expressão do sujeito pronominal.

Levando em conta somente os dados percentuais, podemos observar que uma mudança do sujeito pronominal de primeira pessoa – de nulo para expreso – em nosso *corpus* está estagnada: mesmo com a queda de 13,7 pontos percentuais dos anos de 1970 para os anos de 1990, podemos ver que os dados continuam acima de 50% – contando com um leve aumento em 2010, como indica a Figura 1.

Ao analisarmos os pesos relativos, vemos que o *nós* é o pronome que mais favorece o sujeito nulo, o que pode ser atribuído a um traço verbal distintivo para esse pronome presente em todos os Paradigmas analisados por Duarte (2018 [1993]), como indica o Quadro 1.

O sujeito nulo também é favorecido quando é sujeito da oração principal – sem elementos entre o sujeito e o verbo. Em todos os outros ambientes, ele é desfavorecido, mesmo com aparecimento percentual maior.

Por fim, quanto ao tempo verbal, podemos verificar que, quando o verbo está no presente ou no futuro – tanto do subjuntivo como do indicativo –, ou quando está na forma de imperativo, há uma preferência pelo nulo.

As diferenças dos resultados quanto ao percentual e ao peso relativo podem ser atribuídas ao fato de três pronomes com características distintas – sendo comum só sua remissão à primeira pessoa – terem sido rodados juntos, em um programa estatístico que realiza análises multivariadas. Dessa forma, vê-se necessário, mais adiante, rodar cada um dos pronomes separadamente a fim de observamos as propriedades de cada um.

Por fim, podemos constatar que a língua portuguesa do Brasil ainda possui parâmetro *pro-drop* parcial, com sujeito pronominal nulo ou expreso condicionados a diversos fatores para suas devidas consecuições.

Referências

- ASSIS, L. M. História em Quadrinhos – linguagem, memória e ensino, *SILEL*, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 1-5, 2011.
- AVELAR, J. O. Notas sobre oração existenciais, parâmetro *pro-drop* e constituintes locativos na história do português brasileiro, *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, p. 81-100, 2018.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].
- GONÇALVES, C. R. De vossa mercê a cê: caminhos, percursos e trilhas, *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 2535-2550, 2010.
- GUY, G.; ZILLES, A. M. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo, Parábola, 2007.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LINS, M. P. P. O texto de quadrinhos e o continuum oral/escrito, *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 957-967, 2009.
- LOPES, C. R. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos, *Fórum Linguístico*, Santa Catarina, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 [2002].

MENON, O. P. S. Uso do pronome sujeito de primeira pessoal no português brasileiro, *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 157-177, 2000.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

RAMOS, P. *Tiras no ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RUMEU, M. C. B. A categoria “pronome” na construção da metalinguagem no português, *Revista da Abralin*, v. 7, n. 1, p. 101-131, 2008.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE S. A.; SMITH E. *GoldVarb X – A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 13 jul. 2022.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola Editorial, 2021 [1916].

SCHERRE *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; YACOVENCO, L. C. Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica, *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, p. 428-457, 2018.

SILVA, R. C. P. Sujeito pronominal – uma análise em tempo real. *6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Florianópolis, 2004, p. 1-9.

SILVA, J. C. S. *A variação de primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos do Chico Bento*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

SOUSA, M. *Revista da Mônica*. São Paulo: Editora Globo, n. 67, jul. 1992.

SOUSA, M. *Revista da Mônica*. São Paulo: Editora Globo, n. 75, mar. 1993.

SOUSA, M. *As primeiras histórias da Mônica*. Rio de Janeiro: Editora Globo, ed. 1, 2002.

SOUSA, M. *Revista da Mônica*. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 40, abril 2010.

SOUSA, M. *Revista do Cebolinha*. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 41, maio 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZANELATO, C. A. *Já vejo ele nos quadrinhos: uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica*. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.